

UMA VILA, VÁRIAS FAMÍLIAS E MUITAS HISTÓRIAS

 Leonardo Silveira^{1,2}

Resenha de: METCALF, Alida C. *Família e fronteira no Brasil colonial: Santana de Parnaíba, 1580-1822*. Tradução: Igor Machado de Lima e Ludmila de Souza Maia. São Paulo: Editora Unesp, 2024, 312p.

Finalmente um estudo de grande interesse aos historiadores da família recebeu uma tradução em português. O trabalho da estadunidense Alida C. Metcalf, realizado no início dos anos 1990, foi vertido para a língua portuguesa pelos tradutores Igor Machado de Lima e Ludmila de Souza Maia, realizando um antigo desejo da autora de tornar a sua obra acessível ao público brasileiro — afinal, é de uma parte do Brasil que o trabalho discorre. Até então, pouquíssimos artigos da autora eram conhecidos entre os que se debruçam sobre estudos de famílias e a sua relação com a terra³. *Família e fronteira no Brasil colonial: Santana de Parnaíba, 1500-1822* foi publicado pela editora da Universidade Estadual Paulista (Unesp) em uma bela edição.

Situado na Santana de Parnaíba dos séculos XVI ao XIX, este estudo de Metcalf aborda, por meio de três classes sociais da população parnaibana, as diferentes estratégias familiares de sobrevivência em um longo período de profundas transições, desde os primórdios do período colonial até o

1 Universidade de São Paulo - São Paulo - Brasil.

2 Mestre (2024) em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, membro do Instituto Cultural de Itu e da Academia Ituana de Letras. Contato: leosilveira@outlook.com.

3 Metcalf, 1983, 1987, 1990.

momento em que o Brasil rompe com a sua metrópole. Fazendo uso de uma riquíssima variedade de fontes primárias, como inventários *post mortem*, maços de população e registros paroquiais, a brasilianista devassou o cotidiano rústico e difícil de diversas famílias do planalto paulista, compondo um painel interessante da sociedade colonial. Mesmo sendo um estudo realizado por uma historiadora estrangeira, a vasta bibliografia utilizada demonstra o quanto ela estava a par das pesquisas mais relevantes entre as décadas de 1980 e 1990, incluindo as brasileiras, não excluindo, por outro lado, os autores considerados “ultrapassados” naquele momento, como Gilberto Freyre, por exemplo.

O objeto central do estudo é formado por algumas famílias que se originaram na então vila de Santana de Parnaíba. A partir da observação do comportamento demográfico de três classes sociais identificadas pela autora — a saber: os proprietários agrícolas, os lavradores pobres livres e os escravizados —, Metcalf destrincha o cotidiano, reconstituindo a vida material da população (daí a relevância do uso dos inventários *post mortem* como fontes indispensáveis), as estratégias das relações sociais, observadas principalmente nos casamentos consanguíneos e/ou endogâmicos (apreendidos por meio dos registros paroquiais) e a expansão do povoamento das famílias pelo interior da capitania de São Paulo (percebida pelos maços de população). A microanálise empreendida pela autora combina-se com a contextualização da América Portuguesa naquele momento, esclarecendo tanto a conjuntura quanto os eventos, interligados de diferentes formas, nos quais o protagonismo é formado, principalmente, por essas famílias. É uma obra que se insere entre os estudos que procuraram explicar e/ou entender a formação das famílias brasileiras, participando do debate acadêmico da década de 1980, principalmente⁴.

O livro está dividido em seis capítulos, precedidos de uma importante introdução, na qual a autora diz pretender discutir que a desigualdade social no Brasil tem raízes nas estratégias de sobrevivência das famílias do período colonial, sendo esta uma das questões gerais que percorre

4 Vide os trabalhos de Bacellar, 1997; Nazzari, 2001; e Samara, 1989a, 1989b.

o estudo, além de entender a colonização por meio da evolução de uma vila do interior. Assim, conceitos como “família” e “fronteira” são concatenados de modo a entender o processo da colonização de uma perspectiva micro-histórica.

O Capítulo 1, intitulado “Indígenas, portugueses e mamelucos: a colonização no século XVI em São Vicente”, trata do início do estabelecimento dos primeiros povoadores da capitania de São Vicente e das primeiras incursões ao sertão, quando criam vínculos com os povos originários, ao mesmo tempo que abalam profundamente a vida destes. A matriarca Suzana Dias aparece como o maior símbolo do cruzamento entre adventícios e indígenas, que formaram o mameluco, ou seja, o paulista dos primeiros tempos, tendo a vila de Santana de Parnaíba como epicentro da expansão colonial naquela capitania.

Já o Capítulo 2, intitulado “Vila, reino e sertão”, procura demonstrar os “três mundos” vivenciados pela população de Santana: a vila, o reino e o sertão. A vila era percebida como o principal palco de sociabilização da população, rural e urbana; o reino era Portugal, o velho mundo, a metrópole, a terra natal dos homens que vieram para a América Portuguesa na ânsia de tentar fazer riqueza e, um dia, voltar, além de representar o poder e a lei, regentes do comportamento daqueles primeiros povoadores; o sertão era o desconhecido, mas que representava a conquista de terra e mão de obra, elementos essenciais para a sobrevivência e prosperidade da vila. Alida Metcalf esforçou-se em mostrar a importância do sertão para Parnaíba e os modos de vida de cada classe social identificada por ela, sendo interessante a reconstituição e a explicação dos fatos.

No Capítulo 3, “As origens das classes sociais”, as diferentes camadas são analisadas em suas origens, cuja desigualdade provinha “da maneira como os primeiros colonos percebiam o sertão e o exploravam”⁵. Ou seja, os colonos entendiam que, para remediar a sua pobreza, era necessário explorar os recursos que só o sertão poderia prover, como as terras — transformadas em propriedade privada — e os indígenas — escravizados para o trabalho em tais propriedades. A autora ressalta a importância

5 Metcalf, 2024, p. 101.

que os povos nativos tiveram no trabalho e na formação da sociedade parnaibana. Ao longo do tempo, os indígenas foram diminuindo, pois um grande número morreu e uma outra parte fugiu para os sertões mais longínquos. Os poucos que ficaram, ou se misturaram à população mameluca ou continuaram cada vez mais pobres e excluídos.

Os três capítulos seguintes (“Famílias de proprietários agrícolas”, “Famílias da população pobre livre” e “Famílias dos escravizados”, respectivamente) tratam das classes sociais que Metcalf identificou na massa da documentação existente. Em cada um deles, ela procurou analisar como tais classes agiram, em meio às conjunturas, para sobreviver nos primeiros séculos de colonização. Embora as amostragens sejam poucas — muito devido à escassez de documentação suficiente para se analisar inúmeros grupos familiares —, os exemplos citados ao longo dos capítulos ilustram bem os problemas colocados pela autora.

A primeira classe era formada pelos donos de terras e de escravizados, ou seja, era a elite local. Eram eles os responsáveis pelas grandes empresas sertanistas, cujo objetivo principal era o de procurar indígenas para serem escravizados e colocados no trabalho das lavouras. A historiadora investiga a manutenção da riqueza das famílias em Parnaíba por meio de alguns casos, mostrando o quanto os filhos mais velhos ou os genros acabavam sendo os mais beneficiados. As estratégias de casamento com pessoas da mesma família ou com filhos de potentados locais faziam com que a riqueza não fosse diminuída ou fragmentada, concentrando as terras e os escravizados nas mãos da minoria. Se o patriarcado foi fator de peso na maneira como essa elite procurou manter o controle sobre o seu poderio, a atuação das mulheres não ficou relegada apenas às funções domésticas; pelo contrário, elas desempenharam papéis relevantes na manutenção da riqueza.

Para falar da camada menos favorecida da população de Santana de Parnaíba, os tradutores tiveram o cuidado de selecionar uma expressão mais adequada à realidade daquele tempo na então possessão portuguesa em terras americanas. Em vez do termo *peasant*, do original inglês, foi escolhida a expressão “população pobre livre”, que, segundo os tradutores, estaria mais aproximada do atual debate historiográfico brasileiro, não confundindo-se com o termo “camponês”, que se adequaria mais à

realidade europeia. Assim, no quinto capítulo, Metcalf demonstrou com riqueza de informações os modos de vida dessa população mais pobre e suas estratégias para sobreviver, seja com as lavouras de subsistência com mão de obra familiar, seja com laços de compadrio pensados enquanto elevadores sociais.

O capítulo final ("Famílias e fronteira na independência") discorre sobre os escravizados — a maioria formada por indígenas, já que a escravidão africana foi mais tardia nessa região da América Portuguesa, embora aumentasse ao longo do século XVIII. Para realizar o estudo das trajetórias dessa camada social, a autora ressaltou a necessidade de se estudar as trajetórias dos senhores de escravizados, já que a vida destes está intrinsecamente ligada àqueles. Metcalf faz um grande esforço para reconstituir as histórias de vida desses escravizados, considerando diversos aspectos, como casamentos, compadrios e crimes, com ênfase na formação de famílias entre os cativos e no quanto a sucessão dos patrimônios influenciava em tais famílias, desagregando-as com o passar do tempo.

Ao fim de um longo esforço de reconstituição da realidade de uma vila e sua população desigual, a autora chega às vésperas da independência do Brasil, concluindo que não houve quase nenhuma mudança drástica no cotidiano dos paulistas, argumentando que "as forças de permanência superavam em muito as de mudança"⁶. Apontando que as grandes mudanças político-econômicas no Brasil pouco refletiram na vida comum dos moradores de Parnaíba, Alida Metcalf considera que as estratégias familiares tiveram forte influência na colonização do sertão, demonstrando, portanto, que as famílias foram além das fronteiras, dominando a ocupação territorial daquele pedaço de mundo.

A quem lançar-se sobre os estudos de grupos familiares e modos de viver, essa obra é bibliografia fundamental no entendimento das estratégias sociais do período colonial, que reverberarão nos modos de vida da sociedade nos períodos seguintes da história do Brasil. Destaque para o índice remissivo no fim do livro, que facilita a busca por termos

6 Metcalf, 2024, p. 265.

e nomes comuns ao período e ao assunto investigados, assim como o anexo “Nota sobre fontes primárias e metodologia”, no qual a autora descreve o seu trabalho com as fontes pesquisadas, as limitações do estudo e os métodos escolhidos.

Bibliografia

- BACELLAR, Carlos A. P. *Os senhores da terra: família e sistema sucessório entre os senhores de engenho do Oeste Paulista, 1765-1855*. Campinas: Centro de Memória da Unicamp, 1997.
- METCALF, Alida C. Recursos e estruturas familiares no século XVIII, em Ubatuba, Brasil. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 13, n. especial, p. 771-785, 1983.
- METCALF, Alida C. Vida familiar dos escravos em São Paulo no século dezoito: o caso de Santana de Parnaíba. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 17, p. 229-243, 1987.
- METCALF, Alida C. A família e a sociedade rural paulista: Santana de Parnaíba, 1750-1850. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 283-304, 1990.
- METCALF, Alida C. *Família e fronteira no Brasil colonial: Santana de Parnaíba, 1580-1822*. Tradução: Igor Machado de Lima e Ludmila de Souza Maia. São Paulo: Editora Unesp, 2024.
- NAZZARI, Muriel. *O desaparecimento do dote: mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600-1900*. Tradução: Lélío Lourenço de Oliveira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família: São Paulo, século XIX*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1989a.
- SAMARA, Eni de Mesquita (org.). *Famílias e grupos de convívio*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1989b.

Recebido em: 16/12/2024 - Aprovado em: 28/02/2025

Editores responsáveis

Ignacio Telesca